

A HOSPITALIZAÇÃO DO ADOLESCENTE NA ÓTICA DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

Nathália da Silva Pimentel Reis, Maria Fabiane Galdino dos Santos¹, Inez Silva de Almeida¹, Helena Ferraz Gomes¹, Dayana Carvalho Leite¹, Ellen Márcia Peres¹

Objetivo: Compreender a ótica dos profissionais de enfermagem sobre a hospitalização de adolescentes. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa, descritiva, utilizando entrevista com perguntas semi-estruturadas, realizada em uma enfermagem especializada em saúde do adolescente no Rio de Janeiro, no período de fevereiro a abril de 2016, com 15 profissionais de enfermagem. **Resultados:** A partir da análise de conteúdo de Bardin, definiram-se três categorias: a inexperiência no cuidado de enfermagem ao adolescente como um desafio, especificidades da adolescência, e sentimentos gerados pela hospitalização do adolescente no profissional de enfermagem. **Conclusão:** Conclui-se que os profissionais de enfermagem se colocaram inexperientes em cuidar desse público e declararam que o cuidado a essa população é um desafio para a equipe.

Descritores: Adolescente, Enfermagem, Hospitalização.

THE ADOLESCENT'S HOSPITALIZATION IN THE OPTICS OF NURSING PROFESSIONALS

Objective: Analyze the contents of nursing notes in patients' records in an intensive care unit (ICU) of a public tertiary hospital in Fortaleza, CE. It is a descriptive study with quantitative approach that analyzed 151 medical records of patients admitted to an ICU, from September 2014 to February 2015, whose 48 hour and discharge notes were evaluated. Data revealed notes with poor content, which did not express the patients' situation, nor the nursing care provided. Data concerning date, time, and patient identification were adequate. However, the COREN number and the professional's signature raised concern given the high percentage of non-compliance regarding ethical and legal aspects. Nursing notes did not reflect the severity of patients, nor the dynamics in the ICU

Descriptors: Adolescent, Nursing, Hospitalization

ADOLESCENTE EN PERSPECTIVA DE LOS PROFESIONALES DE ENFERMERÍA

Comprender la óptico del profesional de enfermería de hospitalización de los adolescentes. **Metodología:** cualitativos, investigación descriptiva, utilizando entrevistas con preguntas semi-estructuradas en una sala especializada para la salud de los adolescentes en Rio de Janeiro, en el período de febrero a abril 2016 con 15 profesionales de enfermería. **Resultados:** A partir del análisis de contenido de Bardin, definido tres categorías: la falta de experiencia en la atención de enfermería a la adolescente como un desafío, características de los adolescentes y los sentimientos generados por la hospitalización de los adolescentes en profesionales de enfermería. **Conclusión:** Se concluye que los profesionales de enfermería se colocaron inexpertos en cuidar de ese público y declararon que el cuidado a esa población es un desafío para el equipo.

Descritores: Adolescente, Enfermería, Hospitalización

¹Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ. Email: nathaliapimentelenf@gmail.com

INTRODUÇÃO

A hospitalização é um processo que gera sentimentos negativos como medo da morte, do desconhecido, angústia, ansiedade e sofrimento em qualquer faixa etária. Os sentimentos gerados por este processo ocorrem em todas as fases da vida, contudo, são mais graves na adolescência sendo exacerbados pelos sentimentos dessa fase de transformações e mudanças.¹

No adolescente, a hospitalização pode causar alterações emocionais tão importantes que interferem em seu desenvolvimento e podem dificultar o próprio tratamento. Os adolescentes hospitalizados vivenciam um processo que causa medo e insegurança requerendo cuidados especiais como ambiente acolhedor e a visita facilitada de amigos e familiares.¹

Neste sentido, como são os operadores da enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares) que cuidam do adolescente hospitalizado 24 horas por dia, a capacitação técnica é indispensável e essencial para um atendimento de qualidade. Em sua relação com o adolescente hospitalizado o profissional pode captar suas demandas intensificando os laços de confiança mútua, fortalecendo o processo dialógico. Assim, a equipe de enfermagem através do diálogo deve ouvir sem colocar limite de tempo, sem fazer pré-julgamentos e identificar além das queixas, os problemas de enfermagem.²

Dados de um estudo realizado com crianças hospitalizadas, em idade escolar, evidenciaram a importância do lúdico no processo de hospitalização e como são abordadas pela equipe de enfermagem mediante a realização de procedimentos. Destaca-se que é primordial a cordialidade, o carinho, o respeito, além da explicação e orientação do passo a passo sobre os procedimentos.³

Embora o hospital seja visto por crianças e adolescentes como um lugar de cura e de cuidados, estes também vivenciam, neste espaço, sentimentos de tristeza, medo, prisão e saudade do meio social. Assim, no processo de hospitalização é imprescindível que as demandas e expectativas destes sujeitos sejam compreendidas pelos profissionais que lhes prestam a assistência.⁴

É nesse contexto, que o estudo se insere buscando compreender como a equipe de enfermagem experencia a hospitalização de adolescentes, tendo como objeto, a compreensão dos operadores (enfermeiros, técnicos e auxiliares) da enfermagem sobre a hospitalização. Assim o objetivo do estudo é compreender a ótica dos profissionais de enfermagem sobre a hospitalização dos adolescentes.

METODOLOGIA

Pesquisa de campo com a abordagem qualitativa, método descritivo, utilizando a técnica de entrevista com perguntas

semiestruturadas, gravadas em dispositivo interno do telefone celular, no período de fevereiro a abril de 2016.

O estudo foi desenvolvido em uma enfermagem de atenção especializada em saúde do adolescente de um hospital universitário do Estado do Rio de Janeiro.

Foram realizadas 15 entrevistas com profissionais de enfermagem (enfermeiro, técnico de enfermagem e auxiliar de enfermagem), sendo 01 do sexo masculino e 14 do sexo feminino. Os critérios de inclusão foram: profissionais de enfermagem de ambos os sexos, que não estivessem de férias ou licença e que prestassem cuidados aos adolescentes hospitalizados, tendo pelo menos 1 (um) ano de experiência profissional. Os critérios de exclusão foram: os profissionais de enfermagem que estivessem de férias ou licença durante o período de coleta de dados ou que possuíssem menos de 1 (um) ano de experiência na assistência aos adolescentes hospitalizados.

O roteiro de entrevista foi composto pelos seguintes questionamentos: Como é cuidar de adolescentes hospitalizados para você? O que você sente ao cuidar de adolescentes hospitalizados?

Todos os critérios éticos que envolvem pesquisas com seres humanos foram cumpridos à luz da Resolução nº 466/2012(5), do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o parecer substanciado de número 1.542.153. Os sujeitos do estudo somente participaram após a assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo esclarecidos sobre a pesquisa e seus objetivos.

Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo de Bardin, composta por 3 etapas: pré-análise, exploração do material, e tratamento dos dados e interpretação.⁽⁶⁾ Emergiram três categorias que foram analisadas a luz da literatura científica sobre a temática.

RESULTADOS

A pesquisa teve 15 profissionais de enfermagem entrevistados, sendo 3 enfermeiros e 12 técnicos de enfermagem. A idade dos entrevistados variou entre 25 a 52 anos; entre eles 07 possuíam filhos adolescentes, 02 possuíam filhos com idade infantil e 06 não possuíam filhos; o tempo de assistência com adolescentes variou de 15 a 72 meses.

As unidades de registros obtidas com as entrevistas foram agrupadas e originaram três categorias acerca da hospitalização do adolescente na percepção do profissional de enfermagem:

Categoria 1 - A inexperiência no cuidado de enfermagem ao adolescente como um desafio

No Brasil, ainda a tradição de políticas públicas específicas destinadas aos adolescentes ainda é incipiente; apenas recentemente observa-se uma preocupação dos responsáveis pela formulação de políticas governamentais com essa população. Com isso, os serviços de saúde continuam despreparados para o cuidado ao adolescente, pressupondo-se, então, a necessidade premente de superação das formas predominantes e hegemônicas de se apreender a adolescência, as quais têm direcionado a atenção prestada a este grupo específico⁷.

“A princípio eu não tinha experiência com adolescente. E assim, foi até um desafio porque é uma faixa etária mais complicada, eu achava que eu não tinha muito... muito trato para lidar com eles (...)” (P1)

“Bom... assim que eu comecei a trabalhar aqui no hospital eu não tinha experiência alguma em trabalhar com adolescente fiquei um pouco assustado né? (...)” (P2)

“(...) eu já tinha trabalhado com adulto e com crianças, mas nunca tinha trabalhado só com adolescente, até já tinha visto pq trabalhei em cti adulto, tinha adolescente de 13...14, mas a maioria dos hospitais não tem um serviço assim só de adolescente (...)” (P4)

“(...) eu acho que foi um grande desafio, porque eu nunca tinha trabalhado literalmente com adolescentes, eu já tinha trabalhado com pediatria... mas é uma experiência muito válida, porque eu me sinto muito útil, porque eu acho que a gente tem uma troca legal (...)” (P9)

Observa-se nas falas a inexperiência do cuidar de adolescente, e como esta vivência é vista por estes profissionais como algo novo e desafiador. Pode-se inferir que a própria formação profissional costuma abordar a hospitalização de crianças e adolescentes, e o processo de adoecimento nestas etapas da vida como similares não levando em conta as peculiaridades nem da infância nem da adolescência. Além disso, poucas unidades de saúde atendem especificamente adolescentes hospitalizados, e estes sujeitos ora são vistos como crianças ora como adultos no que concerne a atenção à saúde.

Categoria 2 - Especificidades da adolescência

O atendimento ao adolescente necessita cumprir os princípios éticos como privacidade e confidencialidade. Na relação com os profissionais de saúde deve haver a expressão de seu processo de individualização. O sigilo do tratamento deve ser assegurado por meio de um consenso nos serviços visando um acordo entre a equipe multidisciplinar. Entretanto nos casos de risco de morte, gravidez na adolescência, hiv/ Aids, drogadicção, ideação suicida ou homicida deve ser comunicado aos pais e/ou responsáveis legais.⁸

É essencial que o profissional de saúde possa lidar com os

adolescentes, de maneira participativa e interativa, para que a assistência emane com tranquilidade, sem as imposições de uma relação de poder.⁹“(...) eles têm essas coisas que às vezes te impulsionam, mesmo nos momentos tristes que estão. Assim, eles são questionadores, às vezes tem uns mais rebeldes, entendeu? Mas tem uns mais retraídos que você conversa, assim é um universo que assim eles também tão passando por um momento muito difícil né? Que é a adolescência né? (...)” (P5)

“Cuidar de adolescente internado acho uma tarefa muito difícil, porque o adolescente ele já é complicado por causa da adolescência né? Então ele está ali num momento da vida dele de adoecimento e isso torna aquela coisa da adolescência mais aflorada ainda né? (...) é totalmente diferente trabalhar com adolescente e com adulto, mas eu tento sempre levar em conta que é um adolescente, entendeu? Sempre nessa coisa assim, sempre nessa lógica, sabe? Que ele não é um adulto, que a gente fala: “ô tem tomar banho agora...” essa rotina, eu sempre deixo ele mais a vontade, porque o adolescente já tem essa coisa de ser mais arredo.” (P8)

“(...) O questionamento do adolescente é sempre diferente do questionamento do adulto, porque o adolescente está descobrindo a vida, então ele quer viver (...)” (P11)

“A diferença é porque assim as crianças choram reclamam, mas passou aquela dor eles ficam tranquilos e o adolescente ele é mais queixoso, mais solicitante (...)” (P12)

Observa-se nas falas que os profissionais compreendem que os adolescentes vivenciam uma etapa da vida marcada por transformações biopsicossociais importantes, e que o processo de hospitalização destes sujeitos precisa ser encarado pela equipe de enfermagem como algo singular. O adolescente é visto, por vezes, neste processo de hospitalização como questionador, rebelde, queixoso, retraído, arredo, mas que também como sujeito que possui uma vontade imensa de viver, de aflorar a vida.

Categoria 3 - Sentimentos gerados pela hospitalização do adolescente no profissional de enfermagem

Os achados revelaram que os sentimentos gerados nos profissionais de enfermagem demonstram a necessidade de vínculo entre eles (profissionais e adolescentes), baseado em uma relação de proximidade entre eles.

“Felicidade... muito feliz... muito alegre. Eles são muito receptivos, gostam de conversar, de contar as coisas pra gente. Entendeu?(...) confiança, eles se sentem confiantes com agente, assim... uma cumplicidade, de amizade mesmo.” (P3)

“(...) depende de cada momento, porque quando você consegue ver um paciente saindo bem com o tratamento, você

se sente... é... realizada, você vê que seu trabalho valeu a pena, que seu esforço valeu a pena (...) quando você vê que não tem um sucesso no tratamento você fica um pouco frustrado, eu acho que até é uma característica da enfermagem é a gente se culpar pelo que dá errado (...) "será que a gente poderia ter feito mais?"; "será que eu errei em alguma coisa?" então eu acho que o sentimento depende do andamento do processo do cuidado." (P7)

"(...) é triste assim a gente ver que tão jovem numa condição dessa, tão grave. E também é ótimo quando a gente vê que eles estão melhorando, estão se recuperando, estão lindos, estão saudáveis, né? É uma experiência muito válida e única, eu acho." (P10)

"(...) eu me sinto penalizada, compadecida, deles não poderem fazer o que eles querem, eu fico triste em vê-los sofrendo sem conseguir fazer algumas coisas (...)" (P14)

Outro ponto destacado nas falas é o sentimento da equipe frente ao processo de adoecimento, e o quanto este repercute no profissional que cuida. A equipe vivencia tanta a alegria frente a recuperação e melhora destes sujeitos, quanto a frustração frente a piora e a gravidade da condição.

DISCUSSÃO

Diante dos resultados encontrados, observa-se a existência de um déficit de unidades de atenção à saúde voltados aos adolescentes, o que reflete, em boa medida, a inexperiência dos profissionais com este público, tornando assim esta vivência desafiadora, principalmente em decorrência de julgamentos prévios sobre a adolescência.

Neste sentido, é premente a criação de programas que atentem para questões relacionadas ao adolescente internado, que tenham uma abordagem multiprofissional, e envolva, principalmente, à equipe de enfermagem (10).

Os serviços de saúde para o adolescente são raros e, existe um déficit na implantação de programas voltados para esta clientela, que possui particularidades e um modo peculiar de utilizar a assistência à saúde.(8)

Ainda, é um desafio o ensino voltado à formação do enfermeiro no cuidado de enfermagem na assistência da criança e adolescente, na perspectiva do Sistema Único de Saúde (SUS). Destaca-se que o profissional enfermeiro é imprescindível no cuidado da criança e do adolescente, e o aperfeiçoamento teórico prático na formação deve ser uma ação continuada, em todos os níveis de assistência à saúde ¹¹.

As falas evidenciam que a adolescência apresenta particulares que poderão interferir na assistência dos profissionais de enfermagem na atenção à saúde desta população.

Para tornar o cuidado mais adequado aos adolescentes, os profissionais de enfermagem precisam estar aptos

e gostarem de trabalhar com eles, serem sensíveis, e conhecerem as peculiaridades de toda essa fase da vida e os conflitos vivenciados por este grupo¹².

Durante a assistência ao adolescente, os profissionais devem ter dedicação, disponibilidade e criatividade, tornando sempre o ambiente acolhedor e com fácil acesso, assim como também serem capazes de captar a atenção dos adolescentes para que haja uma melhor participação e então tenham um bom desfecho¹³.

Os profissionais que entendem a fase da adolescência fornecem uma assistência capaz de favorecer o bem-estar a estes clientes e ajudá-los a desenvolver competências que os auxiliam a encarar a doença, influenciando de forma positiva a recuperação¹⁴.

Para que a atuação dos profissionais junto aos adolescentes seja eficaz é necessária uma visão holística das demandas e das ações que deverão ser desenvolvidas, desta forma considera-se que trabalhar na área de saúde do adolescente requer que os profissionais levem em conta algumas questões que nem sempre são consideradas¹⁵.

Uma equipe habilitada, preparada e capacitada é imprescindível no cuidado a estes indivíduos. A atenção, o cuidado, o suporte emocional, a comunicação e empatia são aspectos fundamentais valorizados pelos adolescentes frente aos que os assistem¹⁶.

Ressalta-se que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 2º, é considera adolescente o indivíduo que possui entre 12 a 18 anos. No entanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS) determinam que a adolescência é a faixa compreendida dos 10 aos 19 anos de idade⁽¹⁴⁻¹⁷⁻¹⁸⁾.

A adolescência é uma fase em que o indivíduo não é mais criança e nem adulto. Geralmente, neste período, apresentam ótima condição física, apetite exagerado, praticam bastante exercícios e atividades de lazer. Nesta fase, o adolescente precisa, também, aprender a lidar com as mudanças que ocorrem ao seu redor e com a incerteza sobre seu futuro e suas próprias inseguranças¹.

A alteração no perfil de morbidade e mortalidade que ocorreu ao longo dos anos, mostra que antigamente as crianças portadoras de doenças predominantes na infância morriam precocemente, porém com o desenvolvimento da ciência essas crianças conseguem chegar à adolescência, elevando assim o percentual de adolescentes hospitalizados.¹

Ao cuidar de adolescentes hospitalizados, o enfermeiro além de conhecer as reações pertencentes à adolescência, fisiopatológicas e psicossociais, deve conhecer as particularidades dos adolescentes, a fim de estabelecer um vínculo de confiança. Pode-se dizer que o enfermeiro ao prestar assistência aos adolescentes deve estabelecer sempre um ambiente que favoreça o cuidado adequado, além

de garantir que o adolescente e sua família sejam cuidados de maneira singular¹.

No processo de hospitalização há uma interrupção das atividades cotidianas e das interações dos adolescentes com familiares e amigos. Os mesmos passam a experimentar a dor, os procedimentos invasivos, o tratamento, e ainda precisam se adequar as normas, rotinas e horários institucionais. Uma realidade adversa a esta fase da vida considerada uma das mais saudáveis¹⁶.

Os adolescentes hospitalizados, na maioria das vezes, sentem-se diferentes dos seus colegas de convívio social, por necessitarem de cuidados diferenciados, como consultas e terapêutica medicamentosa, limitando a frequência escolar e até mesmo o relacionamento com seus pares, interferindo na sua autoestima. O enfermeiro precisa ser capaz de minimizar estes conflitos, para intervir junto ao adolescente e sua família, utilizando sempre uma base científica e uma visão holística no cuidar em enfermagem¹⁹.

Desta forma, durante a hospitalização dos adolescentes, a enfermagem tem um papel fundamental de escuta, de acolhimento e de resolutividade nas situações de conflitos, assim como acompanhar a sua família durante todo o processo¹.

A interação entre o adolescente e os profissionais de enfermagem precisa ser baseada em uma relação de confiança, segurança, respeito e diálogo. É muito importante que o profissional desenvolva uma escuta atenta do adolescente e não permita que julgamentos anteriores impliquem na assistência²⁰.

Um das limitações mais sensíveis desse estudo é, de um lado, a incipiência de unidades de internação em saúde do adolescente para sua replicação, e, de outro, a escassez de literatura para subsidiar os dados evidenciados. Soma-se a isso, que grande parte dos adolescentes são hospitalizados em unidades pediátricas ou adultas, e por constituírem uma minoria no conjunto de pacientes internados, suas peculiaridades acabam passando despercebidas pela equipe de enfermagem.

“Os adolescentes hospitalizados, na maioria das vezes, sentem-se diferentes dos seus colegas de convívio social, por necessitarem de cuidados diferenciados, como consultas e terapêutica medicamentosa”

CONCLUSÃO

Através deste estudo foi possível evidenciar a ótica dos profissionais de enfermagem sobre a hospitalização dos adolescentes. Os mesmos se colocaram inexperientes em cuidar desse público e declararam que o cuidado a essa população é um desafio para a equipe. Além disso, foi possível constatar que em função dos adolescentes experienciam o processo de hospitalização de forma peculiar, os profissionais precisam estar capacitados para prestarem uma assistência de qualidade a estes sujeitos, estabelecendo

vínculo, empatia e confiança.

Ainda, o estudo poderá servir de subsídios para novas pesquisas que envolvam o adolescente em processo de hospitalização junto à equipe de enfermagem em cenários pediátricos e adultos.

REFERÊNCIAS

1. Almeida IS, Ribeiro IB, Rodrigues BMRD, Simões SMF. Hospitalização do adolescente e a participação familiar. IN: Aben. Programa de Atualização em Enfermagem Saúde da Criança e do Adolescente (PROENF). Porto Alegre: Artmed; 2008.
2. Lins RNP, Collet N, Vaz EMC, Reichert APS. Percepção da Equipe de Enfermagem acerca da Humanização do Cuidado na UTI Neonatal. Revista Brasileira de Ciências da Saúde [Internet]. 2013 [cited 2017 Ago 06]; 17 (3): 225-232. Available from: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/rbcs/article/view/14021>.
3. Santos PM, Silva LF, Depiantill JRB, Cursinoll EG, Ribeiro IICA. Os cuidados de enfermagem na percepção da criança hospitalizada. Rev Bras Enferm [Internet]. 2016 [cited 2017 Dez 15];69(4):646-53.647. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n4/0034-7167-reben-69-04-0646.pdf>
4. Gomes ILV, Queiroz MVO, Bezerra LLAL, Souza NPG. A hospitalização no olhar de crianças e adolescentes: sentimentos e experiências vivenciadas. Cogitare Enferm [Internet]. 2012 [cited 2017 Ago 6]; 17(4):703-9. Available from: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/viewFile/30378/19654>
5. Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União 13 jun 2013 [cited 2017 Ago 6]; Seção 1. Available from: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.
6. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2011.
7. Torres TRF, Nascimento EGC, Alchieri JC. O cuidado de enfermagem na saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Rev Adolescência e Saúde [Internet]. 2013 [cited 2017 Ago 10]; 10 (1): 16-26. Available from: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=391.
8. Taquette SR. Conduta Ética no atendimento à saúde de Adolescentes. Rev Adolescência e Saúde [Internet]. 2010 [cited 2017 Ago 10]; 7(1): 6-11. Available from: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=174.
9. Santos CC, Ressel LB. O adolescente no serviço de saúde. Rev Adolescência e Saúde [Internet]. 2013 [cited 2017 Ago 12]; 10 (1): 53-5. Available from: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=355.
10. Guzman CR, Cano MAT. O adolescente e a hospitalização. Rev Eletr Enf [Internet]. [Internet] 2000[cited 2017 Ago 12];2(2). Available from: http://www.fen.ufg.br/revista/revista2_2/ado_hosp.html
11. Jorge KJ, Rodrigues RM, Toso BRGO, Viera CS. Integralidade e formação do enfermeiro para o cuidado a criança e adolescente. Revista Varia Scientia – Ciências da Saúde [Internet]. 2016 [cited 2017 Ago 20];2(2): 127-37. Available from: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/variasaude/article/view/15478/10779>.
12. Abreu M, Azevedo AIM. O adolescente hospitalizado numa Unidade de Adolescentes: como facilitar a transição?. Rev Adolescência e Saúde [Internet]. 2012 [cited 2017 Ago 2-]; 9(3): 21-8. Available from: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=327.
13. Rodrigues ARS, Barros WM, PDDL. Reincidência da gravidez na adolescência: percepções das adolescentes. Enferm Foco [Internet]. 2016 [cited 2017 Dez 15]; 7 (3/4): 66-70. Available from: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/945/355>
14. Brasil. Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 8ª Edição – Brasília: Câmara dos Deputados. Edições Câmara; 2011. 171p. (Série legislação; n. 65) [Atualizada em 13/10/2011 ISBN 978-85-736-5817-0]
15. Secretaria de Saúde (SP), Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde - CODEPPS. Manual de atenção à saúde do adolescente. São Paulo: SMS; 2006. 328p.
16. Figueiredo ÂMS, Almeida CMS, Santos MMO, Carneiro CF. Vivências dos adolescentes durante a hospitalização num serviço de pediatria. Rev Enf Ref [Internet]. 2015 [cited 2017 Dez 13];serIV(6):105-114. Available from: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832015000600012&lng=pt. <http://dx.doi.org/10.12707/RIV14041>.
17. OMS (Organização Mundial da Saúde). Health for the World's Adolescents: A second chance in the second decade. Geneva: oms; 2014
18. Ministério da Saúde (BR), Secretaria Executiva, Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente. Programa Saúde do Adolescente (PROSAD): Bases Programáticas. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde; 1996. 32p.
19. Lino IMBS, Pissarra PCVL. O Adolescente e a Vivência da Hospitalização [dissertação de mestrado]. Guarda: 2013 [cited 2017 Ago 8];. Available from: <<http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/1487/1/E%20SIP%20-%20Isabel%20Maria%20Barroca%20dos%20Santos%20Lino.pdf>>.
20. Costa CCP, Vieira MLC, Almeida IS, Ribeiro IB, Simões SMF. A hospitalização do adolescente: vivências do acompanhante familiar à luz da hermenêutica heideggeriana. Rev pesq: cuid fundam online [Internet]. 2010; 2(Ed. Supl.):545-9. Available from: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/994>.